



## Mídia, política e ficção

ABREU, Alzira Alves de, LATTMAN-WELTMAN, Fernando e KORNIS, Mônica Almeida. *Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

O livro *Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção*, dividido em três capítulos, escritos por Alzira Alves de Abreu, Fernando Lattman-Weltman e Mônica Almeida Kornis, analisa a trajetória da mídia em diferentes ângulos: o de sua profissionalização e especialização, especialmente com os cadernos de economia; a construção narrativa, na minissérie *Anos dourados*; e a institucionalização política.

No primeiro capítulo, “Jornalista e jornalismo econômico na transição democrática”, Alzira Abreu traça o perfil e a trajetória dos jornalistas brasileiros em atividade nos jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e Brasília no período estudado. E, ao mesmo tempo, procura entender a transição política brasileira a partir do papel desempenhado pela imprensa escrita nesse processo. “O resultado do estudo permitiu identificar o jornalismo econômico como o vetor das mudanças que ocorreram na imprensa durante o regime militar, mudanças que, em seguida, provocaram alterações no perfil de jornalistas e em suas forma de construir a informação” (p. 14).

A primeira parte do capítulo, que, segundo a própria autora, não segue uma estrutura linear, trata da escolha da profissão de jornalista nos anos 1960-1970. São entrevistados 26 jornalistas, entre os quais Lilian Witte Fibe, Paulo Henrique Amorim, Joelmir Beting, Zuenir Ventura e Alberto Dines. Na sequência Alzira discorre sobre a origem do jornalismo econômico tal como ele é praticado hoje em jornais brasileiros. Como e porque foi criado, em que contexto, as dificuldades encontradas por profissionais que não tinham conhecimento especializado sobre economia, as inovações ocorridas nessa editoria, entre outros itens.

Ganha destaque também, neste capítulo, a análise dos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *Gazeta*

*Mercantil*, para uma avaliação do período de transição para a democracia. A utilização da editoria de economia por jornalistas brasileiros, como forma de resistência à ditadura, o engajamento político nas redações e a mudança de atitude de empresários, que passaram a discutir na imprensa a economia e o modelo de desenvolvimento em vigor, fazem parte das reflexões da autora.

De forma crítica e clara, a autora finaliza o capítulo com um panorama do jornalismo econômico atual: as mudanças ocorridas com a redemocratização, o prestígio de que jornalistas econômicos passaram a desfrutar e o aumento significativo do número de páginas dos jornais. Segundo Alzira, a pesquisa identificou algumas orientações do jornalismo que são praticadas hoje - um jornalismo apartidário, despolitizado e pluralista. Ontem, os jornalistas eram engajados politicamente, atuavam dentro de partidos políticos ou movimentos. Hoje são os profissionais, os técnicos, que vivem a crise do engajamento (p.71).

No segundo capítulo, “Ficção televisiva e identidade nacional: *Anos dourados* e a retomada da democracia”, Mônica Kornis analisa a primeira de muitas minisséries produzidas pela Rede Globo de Televisão. Ela trabalha com a hipótese de que se estabelece na minissérie *Anos dourados*, exibida na década de 1980, uma identidade entre o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1960) e a retomada democrática expressa pela Nova República. O texto é desenvolvido de forma bastante detalhista, apresentando desde o processo de abertura política até os motivos que levaram a Rede Globo a produzir a minissérie.

Tomando como pressuposto que “a matriz melodramática estrutura a narrativa ficcional tanto do cinema industrial quanto dos seriados de televisão”, a autora aborda a narrativa interna de *Anos dourados*, pensada dentro dos parâmetros do melodrama, na tentativa de identificar como a minissérie construiu a história da segunda metade da década de 1950. Para isso ela dividiu os blocos narrativos em três movimentos: apresentação da situação e dos personagens (blocos 1-2), desenvolvimento dos conflitos (3-6) e desenlace (7-8). Trata-se de uma análise detalhada de conflitos permeados por questões éticas, conservadorismo, modernidade e otimismo.

O terceiro capítulo, “Mídia e transição democrática: a (des) institucionalização do pan-óptico no Brasil”, de Fernando Lattman-Weltman, é importante para quem se interessa pelos estudos dos meios de comunicação de massa. O autor descreve em rápidas, mas bem organizadas, pinceladas históricas, o movimento da mídia do período militar até o período democrático subsequente. Seu texto, como bem explicado na introdução, dá ensejo à formulação de um modelo teórico para a investigação dos mecanismos pelos quais a mídia interfere

diretamente na prestação de contas dos ocupantes de cargos públicos – o chamado processo de *accountability* –, de modo a caracterizar mais sistematicamente o impacto da intervenção midiática sobre a qualidade do exercício de cidadania na nova democracia brasileira (p. 10).

No entretítulo “Como regular um ‘poder’ que se recusa a ver-se como tal?”, Lattman-Weltman discute a regulação do exercício da liberdade de imprensa, focalizando, sobretudo, os embates do Legislativo, do Executivo, do Judiciário e da própria indústria midiática.

Para finalizar, ressalte-se a importância de uma obra como esta, que, analisando a trajetória da mídia num determinado período, costura de forma coerente e competente três diferentes ângulos de uma realidade.

*Mônica de Fátima Rodrigues Nunes*

Jornalista, mestre em Comunicação Social pela  
Unesp e doutoranda na mesma instituição.